

A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E HISTÓRIA DA ARTE NA LEITURA ICONOGRÁFICA DA ANUNCIAÇÃO.

Larissa Patron Chaves
larissapatron@gmail.com1

Este trabalho propõe realizar reflexão sobre a narrativa imagética expressa na obra “A Anunciação” de Simone Martini e Lippo Memmi de 1333, pertencente ao estilo Gótico Internacional na Itália. O tema da Anunciação, referente ao momento em que o anjo Gabriel, enviado por Deus a Maria, revela que ela foi escolhida para ser mãe de Cristo (Lucas 1: 26-28), tornou-se rapidamente entendido não apenas pela tomada de consciência da Virgem sobre o seu destino como a Mãe de Deus, mas também como momento em que após a sua aceitação, marca a efetiva encarnação de Cristo. Este trabalho objetiva realizar reflexão sobre a importância do estudo da história e da história da arte como base para a (re)constituição de um repertório visual necessário a compreensão das imagens como representações; o significado das imagens através da história, que, como narrativas, configuram-se como conjunto de uma dada cultura, como no caso da Anunciação, são promovidas pela interação entre a visualidade e a proposição vinculada a espiritualidade. Compreender a cultura em que foi concebida a imagem, onde está imerso o artista, o diálogo com o (s) texto (s) e narrativas outras que relaciona, e por fim, com a poética proposta, pressupõe também, para além da compreensão da complexidade do fenômeno artístico, o da sua historicidade.

Palavras Chave: História. História da Arte. Iconografia da Anunciação.

INTRODUÇÃO

Um mistério que desafia. Um discurso severo, que impõe a palavra, causa medo, afronta, incorpora uma espécie de verdade. Essa parece ser uma das possíveis leituras da narrativa imagética expressa na obra “A Anunciação” de Simone Martini e Lippo Memmi de 1333, referente ao estilo Gótico Internacional na Itália. Paradoxalmente, a Anunciação não é um tema novo na história da arte. Ela é uma imagem recorrente na proposta pictórica de muitos artistas, que fazem dela, durante a alta Idade Média e Renascimento, um desafio a interpretação de historiadores e historiadores da arte. Como compreender a complexidade do objeto artístico a partir de sua história? A historicidade do objeto artístico converge ou confunde-se com a Teoria da Arte? Porque obras como a de Martini e Memmi atravessam séculos imaculadas na sua ímpar capacidade de proferir um discurso tão significativo?

A reflexão sobre a história e imagem são sempre fundamentais na compreensão e interpretação do passado. Signos e símbolos constroem uma história de relações, muitas vezes implícitas e explícitas ao papel do estado, da Igreja, de eventos, entre outros. Do ponto de vista da história, explorar diferentes meios para a construção destas relações cada vez mais é fundamental, na visão de que não podemos pensar em documentos oficiais para esta interpretação, mas sim em fontes que se inter-

1 Doutora em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Professora Adjunta do Curso de Artes Visuais – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas. Tutora Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI 3 – Artes/UFPEL e UC (Portugal).

relacionam. Do ponto de vista da Arte, como pensar na representação do presente e do passado sem o aprofundamento sobre suas referências. Signos do poder, insígnias, monumentos, podem ser registros também de memória? Se comportam como autênticos testemunhos do passado?

São essas as questões que envolvem a discussão sobre a obra, da temporalidade a espacialidade, do (re) pensar o significado das imagens através da história, que, como narrativas, configuram-se como representação de uma dada cultura.

A ANUNCIAÇÃO: O MITO E O SAGRADO

Um dos dogmas centrais do cristianismo é a encarnação de Jesus Cristo. A doutrina da encarnação consiste na natureza dual de Cristo – parte totalmente divina, parte plenamente humana e, portanto, está calcada em seu nascimento real, como um ser humano, a partir de uma mulher real. Este aspecto da história do nascimento de Cristo enfatizou sua divindade, e apoiou a doutrina cristã, que afirmou que ele era o Filho de Deus. Segundo Willianson (2004), o nascimento virginal já havia sido tratado, como aspecto próprio da divindade ou status heróico, na mitologia clássica (Figura 01), e, portanto, a igreja cristã não estava inovando ao enfatizar o nascimento virginal como figura central da história. No entanto, o cristianismo defere excepcional atenção sobre a virgindade de Maria, antes do nascimento de Cristo, e depois.

A mais famosa ilustração de Maria é a narrativa da Anunciação - momento em que o anjo Gabriel, enviado por Deus a Maria, revela que ela foi escolhida para ser mãe de Cristo (Lucas 1: 26-28). Este evento tornou-se rapidamente entendido não apenas como um momento em que a Virgem tornou-se consciente de seu destino como a Mãe de Deus, mas também como momento em que após sua aceitação do destino, marca a efetiva encarnação de Cristo.

As representações da Anunciação datam a partir do princípio do século 4, sendo o tema representada continuamente ao longo da arte cristã. Os fundamentos continuam os mesmos: um anjo (cujo status como tal, é normalmente indicado pela posse de asas) se aproxima de uma mulher com uma mão levantada em um gesto indicando discurso. Às vezes, hastes de lírio podem ser mostradas em um vaso no chão ao lado da Virgem, ou podem ser seguradas pelo anjo. Não há indícios que podem fornecer dados a partir do Evangelho de Lucas do ambiente físico em que o Anunciação aconteceu, exceto quando Lucas diz que o anjo "entrou e disse-lhe: Alegra-te (Lc 1:28).

A Virgem, sentada, também carrega um livro, muitas vezes fechado (Simone Martini, Florença, Uffizi, 1333), ou ainda aberto (Nicolas Pousin, Londres, National Gallery, 1657). Quando aberto, deixa transparecer na pintura o texto lido de forma bastante legível. Em algumas obras, vemos a Virgem lendo o Velho Testamento, especialmente o profeta Isaías 7:14, que profetiza a própria

Anunciação. Portanto, fica claro que a constituição de uma imagem guarda detalhes distintos em suas múltiplas versões ao mesmo tempo que dialoga com a Evangelho de Cristo; carrega em si parte da doutrina cristã, ao mesmo tempo que parte do imaginário referente a específica temporalidade e espacialidade em que foi concebida.

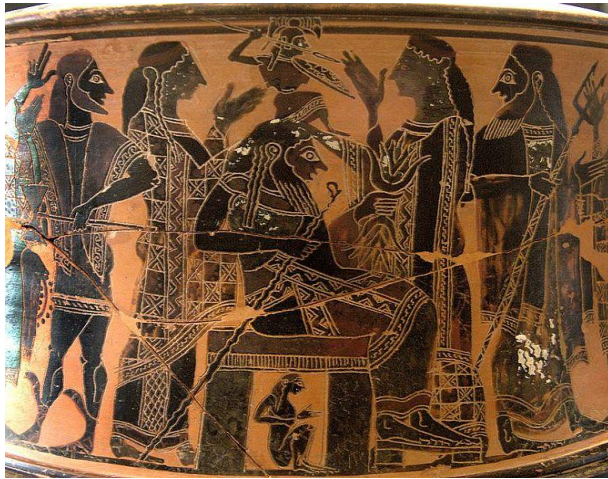


Figura I – Nascimento de Atena. 560 – 570 a.c



Figura II – A Anunciação – Simone Martini, 1333.

A HISTÓRIA DA ARTE E A CONSTITUIÇÃO DE UM REPERTÓRIO VISUAL

É importante discutir que tipo de arquivo de história da arte se pode recorrer, pois a gama de material utilizado para construir essas histórias vai muito além do trabalho efetuado. Por exemplo, a história tem seus documentos, registros escritos do passado, a arqueologia se concentra no registro material, restos físicos do passado; antropologia, olha para rituais sociais e práticas culturais como forma de compreender o passado e o presente das pessoas.

Para Dana Arnold (2004) as palavras arte e visual são quase sinônimos. Isso levanta outra questão importante - quais são os sujeitos da história arte? Tradicionalmente, a história da arte tem se preocupado com a “grande arte”. Mas uma série de sujeições foram incluídas na disciplina, e estas mudaram com o tempo. Ao falar sobre Renascimento, por exemplo, é bastante fácil reconhecer artistas conhecidos, como Michelangelo ou Rafael e obras de pintura e escultura, ou o seu processo preparatório, tais como desenhos. Mas o restante do que pode ser entendido como visual, de culturas diferentes, é bastante variado e convida a uma série de interpretações. Portanto, fica claro que não se trata de apenas ensinar e aprender, nos cursos de formação em arte e na escola, um apanhado de dados capazes de classificar em sistemas simplificadores obra, título, artista, ano; não apenas uma questão de domínio da linguagem, mas também da compreensão da grande área em que se circunscreve o objeto - Arte. É preciso antes, compreender a cultura em que foi concebida a imagem, onde está imerso o artista, o diálogo com o (s) texto (s) e narrativas outras que relaciona, e por fim, com a poética proposta. Isso pressupõe também para além da compreensão da complexidade do fenômeno artístico, o da sua historicidade.

Atualmente, a história da Arte foi especialmente influenciada por formas teóricas de pensar sobre a arte, e de trazer para fora o seu significado social, cultural e histórico. São discutidas várias maneiras de escrever e pensar sobre a história da arte e por essa razão é importante pensa-la como narrativa construída, para além da história de grandes artistas ou de estilos de arte.

Pensar a compreensão da cultura como um processo e a partir do que a refere como híbrida, mostra a arte, tanto a realizada dentro da oficialidade e da encomenda, quando a do âmbito popular, envolvida a um olhar problematizado. No caso específico da Anunciação, questões religiosas advindas do poder da igreja católica, e do poder político que a ela se relaciona nos remete a uma segunda problematização – a da percepção de que há um momento onde o artístico também é político.

Em termos de estilo, a difusão do gótico internacional por volta do século XIV obedece a uma tendência internacional, de uma forma homogênea, ainda que o regionalismo prevaleça sobretudo na

Itália. Segundo Janson (2009), a Itália medieval, ainda que fortemente influenciada pela arte setentrional desde os tempos carolíngios, manteve estreito contato com a civilização bizantina. Entretanto, pelo menos até o referido século o estilo internacional, que refere como marca “a maneira grega”, é tomado como base e chega à pintura.

Assim, pois, a representação do tema da Anunciação não necessita ser interpretada por vezes, apenas a partir da narrativa textual bíblica, visto o próprio condicionamento que essa espécie de tradição iconográfica impõe. É preciso estar atento para que possamos ver como essas construções direcionam muitas vezes a compreensão que temos sobre a relação entre história e história da arte.

Para além dessas questões, historiadores e historiadores da arte são capazes de produzir construções, no exato sentido da palavra, sobre a representação do passado, assumindo a tentativa de apresentar aspectos deste passado – muitas vezes mítico - considerando os múltiplos olhares e visões sobre ele (ANKERSMIT, 2012, p. 45).

Essa construção é uma narrativa. O pesquisador seleciona seus vestígios e elabora um enredo coerente com um intuito de defender um determinado ponto de vista. Pesquisadores o fazem considerando formas de interpretação diferentes, visto que as próprias leituras sobre as obras e documentos históricos podem produzir fatos e novas interpretações. Onde queremos chegar com essas suposições? Esses indivíduos que empenharam-se na tarefa de interpretar representações apresentaram *aspectos* diferentes de uma mesma história, interpretações e propostas. Muitas vezes, ao se analisar uma pintura há a percepção de muitas temporalidades, por vezes a do evento retratado, a do artista que interpreta o evento do passado e o olhar que contempla, não contemporâneo aos anteriores. Portanto, podem estas imagens ser consideradas testemunhos como verdade histórica. Como podemos ler estas imagens?

A ANUNCIAÇÃO DE SIMONE MARTINI

A pintura do artista Simone Martini refere a uma imagem proposta dentro do estilo Gótico Internacional, momento que evidencia uma homogeneização da figuração cristã, ao mesmo tempo em que representa o auge da Arte ligada a unidade do cristianismo, sedimentação da Igreja Católica, calcado nas bases para uma unicidade do Ocidente enquanto cultura.

Segundo Norbert Elias (2011) a unicidade do Ocidente pode ser vista também pelo cristianismo, para além da autoregulação fiscal e militar característica do Estado Moderno. Entre os séculos XII e XIV, há uma espécie de adoção de costumes, comportamentos, que referem a uma idéia de civilidade e de

regramento do social posterior a Idade Média. Isso perpassa até mesmo um cuidado maior com as representações, que deixam de ser, em um princípio tridimensionais para o bidimensional – pelo medo do culto ao paganismo – e depois mais humanizadas, não omitindo o lado espiritual, mas procurando fazer com que o espectador se reconheça nas imagens representadas. Esta consciência doutrinária, que aos poucos se sedimenta nas imagens tem início no Gótico Internacional e se estende até o seu auge, o Renascimento.

Para Gombrich (1999), esta pintura refere a uma série de significados. Ao fazer a reflexão sobre a iconografia, refere sobre o ramo de oliveira na mão do anjo como o símbolo da paz; a aparição do anjo como surpresa; o vaso de açucenas representando a pureza e virgindade, entre outros símbolos. Entretanto, percebemos a imagem referindo a dois fatos principais: o discurso “Ave Gratia Plena”, inscrito na tela como marca da força do significado da mensagem proferida; o receio da Virgem, ressaltado pelo recuo em face ao anjo, talvez marca do peso da própria anunciação, a despeito de uma certa dualidade entre a dádiva e a determinação de um destino, algo bastante claro na obra de Martini.

Para além dessas questões há o devir pautado pelo poder da igreja, que é o poder real. A imagem de Maria é frequentemente associada ao sagrado e por isso a imagem do poder. Embora exista nesta cena a submissão da figura feminina, percebemos linguagem real a partir do trono e da vestimenta como suporte essencial para a compreensão de seu papel como mãe da Igreja.

Ao fazer a leitura da imagem, compreendemos, para além das formas restritas a iconografia medieval, a transfiguração da reflexão sobre as relações humanas da época: a nobreza da Igreja enquanto instituição; o letramento de Maria como parte da nobreza laica – mesmo referindo a configuração de um livro de orações; o temor a Deus, assim como a grandiosidade do destino sobre o humano; a divindade sobrenatural da cena amalgamada a estrutura pictórica de um espaço proto renascimento. De uma forma também expressa, discurso medieval guarda aqui um envolvimento poético narrativo, o que pode ser verificado a partir da música (cânticos), por exemplo, que promovem a doutrina e a fé cristã. Não estaríamos, portanto, em face a reflexão da grande área – Arte – como parte de um discurso que correlaciona a narrativas?

CONCLUSÕES

O estudo da história e história da Arte são fundamentais para a compreensão do objeto artístico, indissociáveis como parte da compreensão do que é Arte, desde a sua aceção enquanto cultura e linguagem. Uma obra de arte descontextualizada, pouco tem a dizer, pouco se “deixa” fruir, compartilhar do seu significado para além das aparências. Muitas vezes, objetos de arte são resíduos

da memória, referem a movimentos de construção e reconstrução da identidade de grupos de diferentes e próximas origens.

Assim como nas múltiplas representações da Anunciação, temas recorrentes na história da arte referem a marcas indissociáveis de um dado contexto, que referem a uma complexidade inerente a sua condição interpretativa, tão importante quanto a própria preservação física de uma obra. A relação entre história e imagem está na “pauta do dia” na reflexão de muitos pesquisadores, pensadores dessa relação e de sua contribuição na interpretação do passado e do presente. A idéia de representação em relação às artes é muitas vezes ligado a percepção de uma imagem do mundo que nós pensamos que vemos.

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, Dana. *Arte History: A very short Introduction*. New York: Oxford press, 2004
- ANKERSMIT, F. R. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- WILLIAMSON, Beth. *Christian Art: A very short Introduction*. New York: Oxford press, 2004
- GOMBRICH, E H. *A História da Arte*. RJ, LTC, 2004.
- BANN, Stephen. *As invenções da História*. SP: Edunesp, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. RJ: Bertrand, 1982.
- CARDOSO, Ciro e MALERBA, Jurandir (org). *Representações. Contribuição a um debate transdisciplinar*. SP: Papyrus, 2000.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- DUBY, George. *História social e Ideologia das sociedades*. *Fazer História 1 – Novos Problemas*. Amadora: Bertrand, 1977. pp. 173-195.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. SP: Martins Fontes, 1981.
- GUINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. SP: Companhia das Letras, 2001.
- JANSON, W. *Iniciação à História da Arte*. SP: Martins Fontes, 2009.